

Iluminismo pedagógico: disciplina, educação e moralização em Kant

CRISTIANO EDUARDO WENDT*

Resumo: A importância da disciplina nos processos educativos é ponto importante de discussão, visto a distorção que ocorreu ao longo da história sobre como devem se relacionar disciplina e educação com fins à moralização dos sujeitos. Assim, a discussão deste trabalho, versa sobre a identificação desta relação, no pensamento do filósofo prussiano Immanuel Kant, de forma pontual em sua obra *Sobre a Pedagogia*. Neste terreno, e na interpretação que alguns comentadores fazem sobre o tema, será tratada a problemática de como a disciplina pode atuar no processo educativo visando à moralização dos sujeitos. O que Kant entende por disciplina e como ela se apresenta no processo de emancipação dos sujeitos? Esta pode ser entendida como a questão central do trabalho. Com isso busca-se a possibilidade de interpretação de problemas atuais da educação amparando-se em discussões filosófico-pedagógicas que permearam a história da educação ocidental.

Palavras-chave: Filosofia da educação, Kant, Educação, Disciplina, Moralidade

Abstract: The importance of discipline in the educational processes is an issue worth discussion considering the distortion that occurred along history on how to relate discipline to education in order to moralization of the subjects. Thus, the object of discussion in this work is the identification of such relation according to the Prussian Philosopher's thinking, Immanuel Kant, focusing on the piece *On Pedagogy*. Within that context and of other reviewers on the issue, this work approaches the procedure of how discipline can be worked in the educational process aiming at moralization. What does Kant think about discipline and how does it emerge in the subjects' emancipating? This is the fundamental question of this work. Thus it seeks to interpret the present problems in education basing on pedagogical and philosophical discussions which permeated the western education history.

Key words: Education Philosophy, Kant, Education, Moralization



* **CRISTIANO EDUARDO WENDT** é Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo (UPF/RS) Professor temporário do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS/Campus Ibirubá.



Modelo de Sala de Aula dos anos 1920

Considerações iniciais

Os envolvidos no processo educativo, muitas vezes, não têm as condições necessárias para evidenciar quais empecilhos se apresentam, ou quais os desafios que devem ser superados para o fomento da formação. Para que isto não ocorra deve-se sempre resgatar os aprendizados das gerações passadas, resgatá-los com vista ao avanço e superação das adversidades. Para tal, sempre que algo obstruir o bom andamento, neste caso do processo educativo, tem-se que trazer à tona as grandes correntes filosófico-educacionais. Neste horizonte é que se propõe a discussão realizada nas laudas deste escrito.

Evidenciando a questão da disciplina no projeto pedagógico kantiano, a texto buscará não somente demonstrar o pensamento do autor acerca do tema e tão pouco dizer que este é o caminho que deve ser delineado na prática docente para o êxito da educação. Ele propõe sim trazer indicativos de como operar com problemas atuais amparando-se nos

grandes pensadores da história da filosofia. Deste modo, buscaremos estreitar a relação entre filosofia e pedagogia, áreas do conhecimento que devem andar *pari passu* com o desenvolvimento da humanidade. Com isso pensa-se poder influenciar diretamente na relação “entre educador e educando” que “não pode mais ser vista somente como uma relação de poder do educador sobre o educando, na qual o educador procura educá-lo a partir de fins determinados previamente” (DALBOSCO, 2007, p.50). Tomar o pensamento kantiano na tentativa de elucidar a problemática proposta vem de encontro aos seus escritos sobre educação, nos quais o autor busca demonstrar a importância da disciplina para o processo de educação e moralização dos sujeitos. Como pensar um processo educativo que tenciona a emancipação dos envolvidos se a disciplina é o ponto de sustentação do mesmo? Como Kant percebe a ideia de disciplina em seu projeto educativo? Um processo educativo que tenha a disciplina como pilar de sustentação pode contrapor

o modelo escolástico de ensino? Estas são algumas perguntas que nortearão o escrito, e que buscarão em Kant e alguns comentadores algumas possibilidades de respostas.

O papel moralizante da disciplina

Kant inicia suas aulas sobre educação¹ com uma frase de impacto e desde o começo deixa claro qual será o objetivo de seu trabalho: “O homem é a única criatura que precisa ser educada. Por educação entende-se o cuidado de sua infância (a conservação, o trato), a disciplina e a instrução com a formação. Conseqüentemente, o homem é infante, educando e discípulo” (KANT, 2006, p. 11). Aqui se visualizam alguns conceitos que se tornarão chaves para teoria pedagógica kantiana, a saber, a ideia de infância, disciplina, instrução, formação.

O filósofo segue em sua obra procurando demonstrar que os animais de um modo geral por mais que pareçam dotados de certa dose de racionalidade não possuem esta, porém o que realmente os direciona para a manutenção de suas vidas é o instinto natural de sobrevivência. Assim, os animais não necessitam de *cuidados*, sendo os únicos a necessitarem de tal, os seres humanos. Pela ideia de cuidado nosso filósofo entende que são “as precauções que os pais tomam para impedir que as crianças façam uso nocivo de suas forças” (KANT, 2006, p. 11). Para ele a disciplina é a ferramenta que pode transformar a animalidade da qual os homens são dotados na humanidade da qual devem ser tomados. Mas para que tal processo possa ser realizado, os indivíduos devem poder guiar-se pela razão, a qual caracteriza-se

como uma necessidade da espécie humana, sendo ela o meio pelo qual os seres humanos poderão viver em sociedade. Posto que as crianças não conseguem assumir de imediato um estado *racional ativo*², pois ainda estão, segundo comenta Kant, em um “estado bruto” (2006, p. 12); estas necessitam da colaboração, da intercessão no processo de amadurecimento, ou ainda, para seguir com a analogia kantiana, da *lapidação*, auxiliada por outrem, para que possam assim potencializar e canalizar suas *qualidades naturais*.

Kant, mesmo tratando do processo pedagógico, não se esquece de realizar o cotejamento com seus demais escritos, como pode ser notado na passagem a seguir, extraída do texto *Sobre a Pedagogia*: “a espécie humana é obrigada a extrair de si mesma pouco a pouco, com suas próprias forças, todas as qualidades naturais, que pertencem à humanidade. Uma geração educa a outra” (KANT, 2006, p. 12). No opúsculo *Idéia de uma história universal com um propósito cosmopolita*, de 1784, na condição de admirador de Frederico II, apresenta a seguinte passagem: “O homem tem uma inclinação para entrar em sociedade, porque em semelhante estado se sente mais como homem, isto é, sente o desenvolvimento de suas *disposições naturais*”³ (KANT, 2002, p. 26). Dessa forma, a educação deve estar a serviço de um ideal cosmopolita de sociedade, no qual os indivíduos estejam em um perene evoluir. Trata-se, no entanto, de uma evolução que não deve esquecer o que foi construído anteriormente, isto é, que cada geração agregue e avance nos ideais da geração que a antecedeu. Segundo Dalbosco:

¹ Não entraremos no mérito da obra *Sobre a Pedagogia* ter sido compilada por Theodor Rink, a partir das aulas ministradas por Kant na Universidade de Königsberg, pois este não é objetivo do trabalho, ficaremos atentos ao conteúdo da obra.

² Por racional ativo deve-se compreender, segundo *nossa* conceitualização, neste momento, maioria no sentido kantiano.

³ Grifo nosso.

[...] embora “uma geração eduque a outra”, a nova geração tem sempre o dever de ser melhor do que a precedente e de ir além dela. Assim se explica a presença do conceito de progresso no contexto educacional kantiano, isto é, como idéia de que a natureza humana, racionalmente bem formada, caminha, paulatinamente, para a perfectibilidade da humanidade, a qual exige, de imediato, a formação do caráter (DALBOSCO, 2004, p. 1341).

Ainda sobre a necessidade da disciplina, ou sobre o papel dela na formação dos homens, é colocado que ela “é o que impede ao homem de desviar-se do seu destino, de desviar-se da humanidade, através das suas inclinações animais” (KANT, 2006, p. 12). Ou seja, a disciplina tem o papel de moldar o espírito dos homens para que não atentem contra a própria existência, seguindo seu destino, a saber, o de preparar o terreno para a próxima geração.

Kant ainda coloca sobre a disciplina que a mesma é “puramente negativa” (2006, p. 12). Com isso o teórico pretende dizer que a disciplina constitui-se no meio pelo qual o homem pode deixar o estado de selvageria no qual se encontra. Selvageria nada mais é do que a “independência de qualquer lei” (KANT, 2006, p. 13). Ele quer dizer com isto que os indivíduos enquanto infantes são dominados pelas paixões, as quais não obedecem a qualquer legislação. Desta forma, a disciplina deve atuar sobre eles como meio coercitivo de possíveis atitudes que maculem o convívio em sociedade. Porém, esta coerção por meio da disciplina deve ter o início em tenra idade, caso contrário, não surtirá efeito algum, porque se o indivíduo enquanto criança, não for submetido a esta coerção, quando adulto não será capaz de viver mediante regras. Como afirma

Kant, os homens que convivem com a liberdade desregrada por muito tempo acabam sacrificando tudo em seu nome (2006, p. 13).

Ao falar da disciplina como sendo negativa no processo de formação dos sujeitos, Kant também apresenta o *ponto positivo* da educação que é a *instrução*. Ela se dá quando os homens já estão aptos para viverem em sociedade, disciplinados, prontos para poderem fazer uso da razão, de conseguirem por meio de todo este processo assumir a maioria, a qual deve ser sempre o objetivo maior de todos os homens. Em uma rápida comparação entre Kant e Rousseau, poderíamos dizer que para o primeiro é a disciplina que representa um dos maiores papéis neste exercício de formação dos homens, enquanto para Rousseau diríamos, em largos traços, que é a experiência, a qual faz com que os indivíduos possam aos poucos moldar e controlar suas paixões⁴. Dalbosco resume a ideia de disciplina em Kant da seguinte forma:

O conceito de “disciplina” assume, desse modo, um duplo papel: negativo, como recurso pedagógico por meio do qual se estabelecem limites à ação do educando em sua relação com o mundo, e um sentido positivo, derivado do negativo, na medida em que, ao agir mediante limites, a criança exercita-se a viver segundo regras (DALBOSCO, 2004, p. 1346).

⁴ Lembremo-nos da importância que Rousseau exerce no pensamento de Immanuel Kant, o qual conforme reza a história era conhecido entre outras coisas por sua rotina metódica dos compromissos diários. Rotina esta que somente foi interrompida até que Kant realizasse a leitura completa do *Emílio*. Realidade ou anedota, o fato é que o genebrino exerceu forte influência no pensamento pedagógico do filósofo de Königsberg, o qual atribui a Rousseau o título de *o Newton da moral*.

Explicadas, minimamente, as ideias que Kant apresenta sobre disciplina e instrução, deve-se saber que para o autor “o homem tem necessidade de cuidados e formação. A formação compreende a disciplina e a instrução” (KANT, 2006, p.14). Onde pretende o filósofo chegar com esta frase? Bem, procura ele, como afirma na sequência, dizer que “o homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz” (KANT, 2006, p. 15). Então, se o homem é aquilo que a educação faz dele, e se uma geração aprende com a anterior, o que aconteceria caso a disciplina não exercesse seu papel na formação de alguns homens? Estes mesmos homens, os quais a disciplina não fora aplicada a contento se tornariam mestres de má qualidade, não podendo controlar sua selvageria e muito menos ensinar aos seus discípulos a controlarem seus ímpetos selvagens, o que ocasionaria um déficit educacional da geração futura e um caos na vida social atual. Na sequência do texto, Kant critica alguns pensadores de seu tempo, os quais não se interessavam, ou ainda não se dedicavam aos avanços educacionais da época, que seriam um passo adiante na busca da perfeição humana. Estes mesmos homens, chamados de “grandes” por nosso filósofo, são a parte da sociedade que “não cuida senão de si mesma e não toma parte nas interessantes experiências sobre a educação” (KANT, 2006, p. 16). Podemos inferir que a educação deveria ser tomada por todos como uma forma de avançar socialmente e aqueles que detêm um maior nível de instrução, os “grandes”, deveriam ser os maiores comprometidos com este processo.

Kant continua seu trabalho argumentando que a falta de disciplina é com certeza um problema muito maior que a falta de cultura, visto que a última pode ser remediada, isto é, o ser humano

por mais bruto que tenha se tornado poderá paulatinamente, por meio da cultura (instrução), ir se sociabilizando. Diferentemente do indivíduo no qual a disciplina foi o pilar inexistente em sua formação. Este indivíduo irá manter por toda a vida seu ímpeto selvagem, pois a inexistência da disciplina em seu processo formativo, não o fez reconhecer o poder e o papel da autoridade, como já colocamos anteriormente ele será escravo de suas paixões. Salvo o empreendimento de um esforço homérico com fins a assunção da maioridade.

Na passagem abaixo, visualiza-se o início do desenrolar do real papel da educação enquanto um “projeto de uma teoria da educação” (KANT, 2006, p. 17):

Talvez a educação se torne sempre melhor e cada uma das gerações futuras dê um passo a mais em direção ao aperfeiçoamento da humanidade, uma vez que o grande segredo da perfeição da natureza humana se esconde no próprio problema da educação. A partir de agora, isso pode acontecer. De fato, atualmente se começa a julgar com exatidão e a ver de modo claro o que propriamente pertence a uma boa educação (KANT, 2006, p. 16).

O filósofo começa deste ponto em diante, propriamente, tratar a educação como um projeto. Diz ele que a educação por mais que seja um projeto que não possa ser realizado, devido a alguns empecilhos, nem por isso deve ser tomado como uma ideia quimérica, ou ainda, um belo sonho (KANT, 2006, p. 17). Quer ele, que a educação, por mais difícil e complicada que possa ser seu projeto, seja assumida e levada a cabo com seus ônus e bônus que são inerentes à prática educativa. Para respaldar seu pensamento, Kant utiliza-se de uma analogia: “Se, por exemplo, todo mundo mentisse, o dizer a verdade seria por isso mesmo uma

quimera? A ideia de uma educação que desenvolva no homem todas as suas disposições naturais é verdadeira absolutamente” (2006, p.17).

Aqui se apresenta a afirmação e convicção na possibilidade de realização do projeto educativo, na certeza de que através da educação o homem pode tornar-se melhor e, desta forma, a própria sociedade tornar-se-ia mais perfeita a cada geração. Para Kant,

[...] a educação não poderia dar um passo à frente a não ser pouco a pouco, e somente pode surgir um conceito da arte de educar na medida em que cada geração transmite suas experiências e seus conhecimentos à geração seguinte, a qual lhes acrescenta algo de seu e os transmite à geração que lhe segue (2006, p. 20).

Nesta passagem podemos interpretar algumas ideias que o filósofo apresenta para o seu projeto educativo. Primeiramente, ela deixa claro que com o modelo de educação vigente em sua época os homens não poderiam avançar na busca pelos fins de sua existência e isto devido à grande diversidade de modos de vida que se apresentam na humanidade. Porém, esta diversidade ou estes *germes* que os homens carregam em si, são o terreno fértil que cabe aos responsáveis pela educação trabalhar para que se possam ofertar a estes mesmos homens que atinjam a suas destinações, seus fins. Entretanto, tal fim ou destinação não pode ser atingido por um homem isolado, mas sim por meio da espécie humana. Aparece, também, na passagem, em segundo lugar, a ideia de *arte de educar*, compreendida como os meios que cada geração vai encontrando e aperfeiçoando os da geração anterior na busca pela perfeição. A arte de educar são as ferramentas que cada geração encontra e agrega no processo educativo de acordo com as necessidades de seu

tempo, na busca em desenvolver as disposições naturais. As disposições naturais, segundo Kant, devem ser desenvolvidas sempre para o bem, e quem pode realizar tal trabalho, tendo em vista que as disposições naturais nascem com o homem e vão se moldando com o passar dos anos e com as experiências, é a educação, que visa produzir a moralidade devida à espécie humana. Segundo Kant:

[...] uma vez que as disposições naturais do ser humano não se desenvolvem por si mesmas, toda educação é uma arte. A natureza não depositou nele nenhum instinto para essa finalidade. A origem da arte da educação, assim como seu progresso, é: ou *mecânica*, ordenada sem plano conforme as circunstâncias, ou *raciocinada* (2006, p. 21, grifo do autor).

No que diz respeito à parte mecânica da educação, o filósofo entende que esta só poderá surtir efeito positivo quando aprendermos algo por meio da experiência, pois, esta educação, conforme se apresenta na passagem acima, não segue um plano definido, uma ordenação de conhecimentos adequados a cada fase do desenvolvimento humano. Já no que tange a arte da educação, ou pedagogia, como Kant mesmo coloca, tem de ser sempre raciocinada. Por um modelo raciocinado ele quer demonstrar que a educação deve seguir um plano, um caminho seguro que possa conduzir cada geração a progredir nos ensinamentos da que a sucedeu. Assim “a pedagogia deve tornar-se um estudo” (2006, p. 22), caso contrário toda a construção das gerações anteriores, neste horizonte, pode ser perdida. Um dos princípios de maior importância no processo pedagógico kantiano é que “não se deve educar as crianças segundo o presente estado da espécie humana, mas segundo um estado melhor, possível no

futuro, isto é, segundo a ideia de humanidade e da sua inteira destinação” (KANT, 2006, p. 22). Para o eterno morador de Königsberg, a educação, como já frisamos em passagens anteriores, deve sempre educar para um estado futuro melhor, e para tanto devem se desprender do que não procure a perfeição a qual está destinada a humanidade. Seguindo as pegadas deixadas por Kant, a educação é para o filósofo a fonte de todo o bem possível nesta terra (2006, p. 23). Neste contexto, ele segue procurando demonstrar que a educação é o meio pelo qual chegaremos a um estado melhor, pois, os homens não são maus por natureza, nestes existem apenas os germes do bem, que devem ser trabalhados no decorrer da vida. Assim sendo, o meio pelo qual se impede que os homens inclinem-se ao cultivo do mal é submetê-los a natureza às normas.

O filósofo procura, também, em seu texto questionar sobre quem deve assumir o papel de tutor da educação, de onde deve provir os fundos destinados aos projetos educacionais e, mais, quem contribui seja financeira ou intelectualmente nesta obra deve direcionar os processos educativos de acordo com seus fins pessoais ou com os fins de determinado Estado? Para Kant, a educação deve ser pensada independentemente do Estado, numa perspectiva de mundo na qual a mesma sempre tenha como fim último o melhoramento da sociedade no seu todo. Ela não pode ser utilizada como artifício de manobra dos governantes para criarem uma sociedade que sirva apenas aos interesses do Estado, esquecendo-se com isso de deixar um legado de progresso para a geração futura. Para que se possa prosseguir com o perene processo de perfeição da humanidade, a educação deve fazer com que o homem seja disciplinado, ou seja, “procurar impedir que a animalidade prejudique o caráter humano, tanto no indivíduo como na

sociedade. Portanto, a disciplina consiste em domar a selvageria” (KANT, 2006, p. 25).

Também é papel da educação que o homem se torne culto, entendendo-se aqui que a “cultura abrange a instrução e vários conhecimentos. A cultura é a criação da habilidade e esta é a posse de uma capacidade condizente com todos os fins que almejamos. Ela, portanto, não determina por si mesma, nenhum fim, mas deixa esse cuidado às circunstâncias” (KANT, 2006, p.26). Kant segue demonstrando que a educação deve procurar que os homens tornem-se prudentes, que em síntese, nada mais é do que a exigência de que o homem “permaneça em seu lugar na sociedade e seja querida e tenha influência” (2006, p. 26). Sobre este ponto, Kant tem como objetivo dizer que os homens devem ser civilizados e acompanhar as regulamentações sociais de cada época. Por fim, o filósofo atribui à educação o cuidado com a moralização dos homens, para ele “não basta que o homem seja capaz de toda sorte de fins; convém também que ele consiga a disposição de escolher apenas os bons fins” (KANT, 2006, p. 26). Sobre a ideia de um fim que seja bom, entende-se que este é aquele aprovado por toda a sociedade e possa ser bom para qualquer ser humano.

“O homem pode ser ou treinado, disciplinado, instruído, mecanicamente, ou ser em verdade ilustrado⁵⁵” (KANT, 2006, p. 27). Com esta frase o filósofo inicia sua excursão para demonstrar que os homens podem ser treinados, da

⁵⁵ Não podemos perder de foco a essência iluminista que perpassa a pedagogia kantiana, lembremos que Kant, busca apresentar que a autonomia se dá pela passagem de um estado de menoridade, onde o sujeito se encontra tutelado, para um estado de maioridade onde é capaz de decidir por si próprio seu caminho

mesma forma como se treinam os animais, porém, para Kant, não basta que sejam treinados os infantes, deve-se sim e em caráter de urgência que estes aprendam a pensar, para que possam, em um futuro próximo assumirem-se como seres maiores. E saliente ainda, no contexto desta mesma passagem, que em um modelo de educação privada é o processo de moralização, pelo qual se deve ter o maior zelo. A moralização em muitos casos não é tratada como se deveria, sempre ficando a cargo de um *pregador* discorrer sobre ela, pois os pais ou tutores preocupam-se mais em ensinar as crianças coisas práticas, que tenham utilidade no cotidiano. Tem-se que ensinar aos pequenos a rejeitar o vício e fazê-lo unicamente por virtude, independentemente de tal ação conduzir ou não a um estado de felicidade. Kant segue afirmando que “vivemos em uma época de disciplina, de cultura e de civilização, mas ela ainda não é a da verdadeira moralidade” (2006, p. 28). Com isso teórico faz referência a importância de se pensar os processos educativos de forma clara e bem formulada, ou seja, que a educação tenha planejamento, que se realizem experiências educacionais onde resultem possibilidades de ação. Estas experiências levarão à identificação dos progressos e falhas que são inerentes a educação.

Considerações finais

Evidenciando a questão da disciplina no projeto pedagógico kantiano, o texto não pretendeu somente demonstrar o pensamento do autor acerca do tema e tão pouco dizer que este é o caminho que deve ser delineado na prática docente para o êxito da educação. Ela ele propôs sim trazer indicativos de como operar com problemas atuais amparando-se nos grandes pensadores da história da filosofia. Assim, buscou estreitar a

relação entre filosofia e pedagogia, áreas do conhecimento que devem andar *pari passu* com o desenvolvimento da humanidade. Com isso pensa-se poder influenciar diretamente na relação “entre educador e educando” que “não pode mais ser vista somente como uma relação de poder do educador sobre o educando, na qual o educador procura educá-lo a partir de fins determinados previamente” (DALBOSCO, 2007, p.50).

A ideia de autoritarismo é, por diversos momentos, confundida como exercício da disciplina, seja ela política, militar, jurídica, ou ainda educacional, e aqui incorre um dos grandes problemas pedagógicos. Na verdade, autoritarismo e disciplina residem, segundo a pedagogia de Kant, nos dois extremos do processo pedagógico, pois o uso despótico da disciplina não conduz à autonomia, impedindo, neste sentido a visualização dos estreitos laços que unem a educação com a formação moral dos sujeitos. Deste modo, o esclarecimento da ideia de disciplina vem carregado do desejo de demonstrar como ela é condição necessária, na educação, para auxiliar na condução à autonomia dos sujeitos enquanto agentes morais. Ao educar moralmente uma criança se está despertando a consciência de que a lei moral reside no infante mesmo. Isto dá a possibilidade de criar-se através da educação sujeitos morais e autônomos.

A discussão moderna sobre o papel da disciplina nos processos educacionais precisa ser reposta com o objetivo de esclarecer problemas contemporâneos, buscando seu amparo no projeto pedagógico de Kant, o qual, por sua vez, ampara-se em sua filosofia prática. Ou seja, Kant procura nas suas preleções *Sobre a Pedagogia* fazer valer seus objetivos que repousam na realização de sua de sua filosofia prática, a qual implica que a pedagogia também seja

compreendida no contexto da relação entre *fenômeno* e *noumeno*, instituída pela *Crítica da Razão Pura*. A educação é o que pode conduzir os sujeitos a mediar sua relação entre sensível e inteligível. Assim afirma Kant:

A pedagogia, ou doutrina da educação, se divide em *física* e *prática*. A educação *física* é aquela que o homem tem em comum com os animais, ou seja, os cuidados com a vida corporal. A educação *prática* ou *moral* (chama-se *prático* tudo o que se refere à liberdade) é aquela que diz respeito à construção (cultura) do homem, para que possa viver como um ser livre (2006, p. 34-35).

A educação é o que conduz o homem do plano sensível para o plano da ética ou do suprassensível. A ferramenta que auxilia neste processo é sem sombra de dúvidas a *disciplina*; o uso adequado e consciente desta é que conduz os indivíduos à moralização e conseqüentemente a *maioridade*. A disciplina torna-se a capacidade humana de contrapor à imediata sensação de se inclinar as paixões, não deixando os indivíduos serem levados pela natureza selvagem, mal domada. Dalbosco afirma que a disciplina tem por objetivo “evitar que o homem permaneça no estado selvagem” (2004, p. 1346). Este *evitar* que faz parte da disciplina deve ser transposto para além da questão pedagógica, pois, o projeto de moralização dos sujeitos é um projeto que deve durar por toda a vida, fundamentando cada vez mais a filosofia prática kantiana, conforme pode ser observado a baixo:

“[...] tal como as árvores num bosque, justamente por cada qual procurar tirar à outra o ar e o sol, se forçam a buscar por cima de si mesmas e assim conseguem um belo porte, ao passo que as que se encontram em liberdade e entre si

isoladas / estendem-se caprichosamente os seus ramos e crescem deformadas, tortas e retorcidas. Toda a cultura e toda a arte, que ornamentam a humanidade, e a mais bela ordem social são frutos da insociabilidade que por si mesma é forçada a disciplinar-se e, deste modo, a desenvolver por completo, mediante uma arte forçada, os germes da Natureza” (KANT, 1995, p. 28).

Com esta base de inspiração na pedagogia kantiana e, sobretudo no seu conceito de disciplina é que se pode agora discorrer, brevemente, sobre a atual situação da educação. No exercício docente o educador deve ficar atento ao trabalho de disciplinamento dos infantes, de forma que não perca de vista a ideia de uma autoridade inerente à figura do professor, a qual permite que se exerça o trato da disciplina sem ser despótico, ou melhor, sem procurar adestrar os educandos. O que se quer demonstrar aqui é que a disciplina faz parte da prática docente, sendo por meio dela que os educandos aprendem a respeitarem mutuamente, a cumprir as tarefas propostas, utilizando-se de uma espécie de *insolência*, compreendida aqui não como demonstração de arrogância, brutalidade ou ainda como meio de atrapalhar o andamento do processo pedagógico; mas sim como “a tentativa de afirmação da autonomia individual e o espírito crítico que não toma tudo como verdade revelada (SAVATER, 2000, p. 130)”. Tem-se que ter clareza que a disciplina é fundamental, para que não sejam os educadores levados ao uso da licenciosidade⁶ que disfarça o autoritarismo na busca pelo disciplinamento, pois enquanto seres de relações nós não partimos de um estágio

⁶ Sobre a ideia de *licenciosidade* ver: FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

de liberdade, mas sim chegamos a ela (SAVATER, 2000, p. 112). E uma das formas de conquistarmos a liberdade é por meio da disciplina, da autoridade, que sejam reconhecidas como resultado de um processo de construção coletiva.

Com a passagem do professor de um profissional dotado de autoridade para um agente autoritário que usa da disciplina como ferramenta despótica, chega-se ao ponto mais crítico da relação pedagógica onde o educador tornar-se um limitador das liberdades, em todos os sentidos, seja de expressão ou pensamento. Assim sendo, toda e qualquer possibilidade dos educadores auxiliarem seus educandos a tornarem-se sujeitos autônomos é descartada do processo pedagógico. Conforme salienta Paulo Freire: “ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas (FREIRE, 2004, p. 107)”. Como termos sujeitos capazes de interpretar suas vidas, interpretem o meio em que vivem e convivem, se não lhes é oportunizado que se expressem enquanto tais? Se a prática do educador não dá vazão a este tipo de experiência que preze pela democracia e compreenda o educador apenas como um mero transmissor e o educando como o único receptor no processo educativo, como esperar que as futuras educadoras e educadores consigam operar de uma forma não disciplinatória-autoritária junto às crianças e adolescentes? Quais os caminhos para chegar a uma prática educativa realmente democrática? São estas perguntas que se crê com o resgate

do pensamento clássico poderemos encontrar algumas respostas, mesmo que parciais. Entretanto, que servirão de base para o início da mudança, e neste horizonte que o autor tema deste trabalho mostra seu valor pedagógico, pois como bem coloca: “A disciplina é o que impede ao homem desviar-se do seu destino, de desviar-se da humanidade, através das suas inclinações animais” (KANT, 2006, p. 12).

Referências

- DALBOSCO, Cláudio Almir. Idealismo Transcendental e Ontologia. In: CENCI, Ângelo V. (Org.). **Temas Sobre Kant**: metafísica, estética e filosofia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 7-24.
- _____. Da pressão disciplinada à obrigação moral: esboço sobre o significado e o papel da pedagogia no pensamento de Kant. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1333-1356, set./dez. 2004.
- _____. **Pedagogia Filosófica**: cercanias de um diálogo. São Paulo: Paulinas, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KANT, Immanuel. **A paz perpétua e outros opúsculos**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- _____. **Sobre a Pedagogia**. Trad. Francisco Cock Fontanella. 5ª ed. Piracicabana: Editora UNIMEP, 2006.
- _____. Crítica da Razão Pura. In: Coleção os Pensadores. **Kant**. São Paulo: Nova Cultural, 2005.
- ROUSSEAU, J. J. **Emílio ou Da Educação**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SAVATER, Fernando. **O valor de Educar**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.